

"«Os Espanhóis estão loucos» com o que estamos a fazer" in Correio da Manhã (12 Junho 1985)

Caption: A 12 de Junho de 1985, o jornal lisboeta Correio da Manhã debruça-se sobre os preparativos da cerimónia de assinatura, no mesmo dia em Lisboa, do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias.

Source: Correio da Manhã. 12.06.1985, n.º 2249 - Ano VII. Lisbonne: Presselivre - Imprensa Livre SA.

Copyright: (c) Correio da Manhã

URL:

http://www.cvce.eu/obj/_os_espanhois_estao_loucos_com_o_que_estamos_a_fazer_in_correio_da_manha_12_junho_1985-pt-492f8c6a-8a0b-4211-aa03-1a82b0c3a8b9.html

Publication date: 19/09/2012

‘Os Espanhóis estão loucos’ com o que estamos a fazer

Soares testou ontem a organização no Mosteiro

O primeiro-ministro Mário Soares subiu ontem à tarde, pela primeira vez à tribuna nos Jerónimos, afogada em microfones, onde hoje proferirá pela certa o discurso por ele mais esperado em toda a sua carreira política – o discurso da assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

O primeiro-ministro visitou os claustros do Mosteiro dos Jerónimos, acompanhado por diversos membros do seu gabinete. «**Os espanhóis estão perfeitamente loucos com a nossa capacidade de organização. Em Madrid vai ser tudo muito diferente, com muito menor interesse**», comentava para a nossa reportagem (exclusiva) uma fonte próxima do primeiro-ministro.

De facto, os claustros dos Jerónimos estão completamente alterados, isto além de melhoramentos feitos em diversas áreas do monumento e que não só resumirão a uma utilização apenas durante as cerimónias da assinatura do Tratado.

A conservadora do Mosteiro dos Jerónimos, Isabel Cruz Almeida, dizia com um ar de certa euforia: «**Isto para o Mosteiro é espectacular, repare que nos arranjam as casas de banho criando inclusivamente instalações para deficientes. O cadeiral foi todo melhorado e a igreja do mosteiro foi iluminada de forma muito bela embora não esteja directamente ligada com a cerimónia**».

Toda a superfície dos claustros foi protegida com um chão falso de madeira com cerca de meio metro de altura guardando por debaixo os canteiros de flores e o lago central. Sobre esse chão falso estão enfileiradas 550 cadeiras para os convidados (delegações estrangeiras e personalidades da vida portuguesa).

Em cada cadeira um daqueles aparelhos de recepção de tradução simultânea, enquanto na mesa de honra vão ficar os catorze «assinantes» do Tratado – um representante de cada um dos (ainda) «Dez» e os quatro portugueses (Mário Soares, Rui Machete, Jaime Gama e Ernâni Lopes).

Mesmo em frente dessa mesa central (ou presidencial) uma outra bem mais pequena dos inícios do século XVII, aonde as personalidades outorgantes do Tratado se irão deslocar, para assinar o documento, com cerca de mil páginas (ao que se diz todas preenchidas) e que para os nossos políticos «vai fechar o ciclo do Império».

Por cima dos claustros, um tecto, também ele falso, que protege do sol e da chuva e que uma fonte próxima do primeiro-ministro afirmou ser «uma notável obra de engenharia». O preço? Bom, enquanto umas fontes nos diziam que só o tecto tinha custado 25 mil contos, outras atiravam esta verba para o custo total de toda a cerimónia.

Texto: **Horácio Piriquito**